

Índice

Um	9
Dois	57
Três	95
Agradecimentos	251

Um

1.

Ela emerge da floresta cavalgando sozinha. Dezassete anos, sob a chuva miúda e fria de março, Marie que vem de França.

O ano é 1158 e o mundo exhibe a fadiga do final da Quaresma. Em breve será Páscoa, que este ano chega cedo. Nos campos, as sementes espreguiçam-se no solo frio e escuro, preparando-se para romperem em direção ao ar desafogado. Ela avista a abadia pela primeira vez, pálida e circunspecta numa elevação nesse vale húmido, as nuvens sopradas do oceano enroscando-se nas colinas, sob uma chuva constante. Durante a maior parte do ano, esse lugar é cor de esmeralda e safira, explodindo de vida debaixo da humidade, apinhado de ovelhas, tentilhões e tritões, e com cogumelos delicados brotando do solo rico, mas agora, no final do inverno, tudo é cinzento e cheio de sombras.

O velho cavalo de batalha dela avança, sorumbático, com uma passada lenta e um esmerilhão estremece dentro da respetiva gaiola de verga, na caixa montada atrás dela.

O vento amaina. As árvores deixam de abanar.

Marie sente que o campo inteiro a está a observar a atravessá-lo.

É alta, uma donzela gigante, e tem os cotovelos e joelhos espetados para fora, revelando pouca elegância; a chuva fina acumulava-se até lhe escorrer em fios pela capa de pele de foca e escurecer o toucado, que passou de verde a preto. O seu rosto claramente angevino é desprovido de beleza, revelando apenas circunspeção

e uma intensidade ainda por refrear. Está molhado da chuva, não de lágrimas. Ela ainda não chorou o facto de ter sido lançada aos cães.

Dois dias antes, a Rainha Leonor aparecera na entrada dos aposentos de Marie, peito farto, cabelo dourado, manto azul debruado a pelo de zibelina, joias penduradas nas orelhas e pulsos, rosário cintilante e um perfume tão intenso capaz de levar uma alminha ao desmaio. A sua intenção fora sempre a de desarmar através do deslumbramento. As aias estavam atrás delas, a disfarçar os sorrisos. Entre essas traidoras encontrava-se a própria meia-irmã de Marie, uma filha ilegítima da coroa tal como Marie, o resultado de desejos carnavais paternos errantes; no entanto, essa criatura de sorriso afetado, ciente de como funcionava a popularidade na corte, empalidecia e fugia sempre das tentativas de aproximação por parte de Marie. Um dia tornar-se-ia princesa dos Galeses.

Marie fez uma vénia desajeitada e Leonor deslizou quarto adentro, as narinas vibrando.

A rainha explicou-lhe que tinha notícias, oh, que notícias esplêndidas, que alívio, acabara de receber a dispensa papal, o coração do pobre cavalo explodira depois de ele tanto galopar para trazê-la nessa manhã. Que, graças a ela, aos esforços da própria rainha ao longo desses últimos meses, a pobre e ilegítima Marie de nenhures em Le Maine fora finalmente nomeada priora de uma abadia real. Não era maravilhoso? Agora pelo menos já sabiam o que fazer com esta estranha meia-irmã da coroa. Agora tinham finalmente uma utilidade para Marie.

Os olhos da rainha, fortemente delineados de preto, pousaram em Marie por instantes e depois desviaram-se para a janela alta com vista para os jardins, cujas portadas estavam todas abertas para trás, para que Marie pudesse pôr-se em bicos dos pés e ver as pessoas passeando lá fora.

Quando Marie conseguiu mexer a boca, respondeu-lhe, numa voz espessa, que estava grata à rainha pelo esplendor da sua atenção, mas oh não, ela não podia ser monja, não era digna, além de que não tinha qualquer vocação religiosa, absolutamente nenhuma.

E era verdade, a religião em que fora criada parecera-lhe sempre algo disparatada, ainda que rica em mistério e cerimônia, pois por que motivo haveriam os bebês de nascer em pecado, porque haveria ela de rezar às forças invisíveis, por que razão era Deus uma trindade, porque é que ela, que sentia a sua própria grandeza fervilhar-lhe nas veias, deveria ser considerada inferior apenas porque a primeira mulher fora criada a partir de uma costela, comera um fruto e por isso perdera o sereno Paraíso? Não fazia sentido. A fé dela vergara-se muito cedo na infância; e, aos poucos, tornara-se ainda mais torta na sua geometria, até passar a ser uma coisa majestosa e angular por si só.

Todavia, com dezassete anos, nesses frugais aposentos na corte de Westminster, ela não podia estar em pé de igualdade com a rainha elegante e amante de histórias que, embora pequena de corpo, absorvia toda a luz e todo o pensamento da cabeça de Marie, todo o ar dos seus pulmões.

Leonor limitou-se a olhar para Marie e esta não se sentia tão pequena desde a última vez que vira Le Maine, as suas seis tias amazonas entregues à morte, ou ao casamento, ou ao convento, e a mãe pegando na mão de Marie e encostando-a ao ovo que lhe crescia entre os seios, um sorriso imenso nos lábios mas os olhos rasos de lágrimas, dizendo oh, querida, perdoa-me, estou a morrer; e esse corpo grande e forte tão rapidamente reduzido a esqueleto, o bafo acre e depois bafo nenhum, e Marie pressionando toda a sua vitalidade nas costelas dela, todas as suas preces, mas o coração permaneceu imóvel. A angústia amarga de Marie, com doze anos, no cemitério alto e ventoso; e os dois anos de solidão que se seguiram, pois a mãe insistira para que a sua morte fosse mantida em segredo, caso contrário, os abutres da família despojariam Marie da propriedade assim que tomassem conhecimento do sucedido, sendo ela uma donzela bastarda resultado de uma violação, sem direito a nada; dois anos solitários, em que Marie extraíra todo o dinheiro que pudera da propriedade. Depois o som de cascos na ponte distante e a fuga para Ruão, atravessando o canal até à corte real da sua meia-irmã legítima, em Westminster,

onde Marie deixou toda a gente horrorizada com a sua voracidade, a sua inexperiência, o seu corpo desajeitado e largo de ossos; onde ela perdera a maioria das regalias atribuídas ao seu sangue real devido aos defeitos da sua pessoa.

Leonor riu-se perante a recusa de Marie, fez troça dela. Mas mas mas. Estaria Marie realmente convencida de que um dia desposaria alguém? Ela, uma campônia de mau agouro? Três cabeças acima do tamanho normal, passos pesados e desajeitados, a voz grossa horrorosa, as mãos enormes, as lutas e os treinos de espada? Que esposo aceitaria Marie, uma criatura desprovida de beleza ou mesmo das mais básicas artes femininas? Não, não, esta era a melhor opção, há muito que fora decidido, já no outono passado, e toda a família concordara. Marie sabia administrar uma propriedade de grandes dimensões, sabia escrever em quatro línguas, sabia gerir os livros de contas, fizera tudo isso de uma forma admirável após a morte da mãe, apesar de ainda ser uma jovem donzela, e mais, fizera-o tão bem que durante dois anos convencera o mundo inteiro de que ela era a própria mãe defunta. Que, obviamente, era o mesmo que dizer que o convento onde Marie seria instalada como priora era tão pobre que neste momento, lamentavelmente, estavam a morrer à fome. Há já uns anos que tinham deixado de estar nas boas graças de Leonor e por isso tinham mergulhado numa pobreza extrema. Além do mais, estavam à mercê de uma moléstia implacável. E a rainha não podia permitir que as monjas de um convento real morressem ao mesmo tempo de fome e de uma terrível doença dos pulmões! Isso refletir-se-ia terrivelmente na sua pessoa.

Os seus olhos frios carregados de preto fitaram Marie com intensidade; esta não teve coragem para sustentar o olhar. A rainha disse a Marie que tivesse fé, que com o tempo Marie se tornaria uma excelente monja. Qualquer pessoa com olhos na cara via que ela sempre estivera destinada à virgindade divina.

Dito isso, as aias irromperam em gargalhadas. Marie teve vontade de lhes fechar as matracas à força. Leonor estendeu a mão enfeitada com anéis na direção dela. Num tom calmo, disse que

Marie tinha de aprender a amar a sua vida nova, aprender a tirar o melhor partido dela, pois esse era o desejo tanto de Deus como da rainha. Amanhã partiria com uma escolta real e com a bênção da própria Leonor.

Marie, sem saber o que mais fazer, segurou essa pequena mão pálida entre as mãos grandes e rugosas e beijou-a. No seu íntimo, debatia-se com vários sentimentos. Apetecia-lhe levar essa carne macia à boca e mordê-la até fazer sangue; queria cortá-la pelo pulso com o seu punhal e guardá-la no corpete, qual relíquia, para todo o sempre.

A rainha retirou-se, varrendo o chão com as saias. Desorientada, Marie correu para a sua cama, para junto da sua criada Cecily, que a beijou na cabeça, nos lábios, no pescoço. Cecily possuía a espontaneidade e lealdade de um cão. Fervilhou de raiva e murmurou calúnias, dizendo que a rainha era uma sulista promíscua e vergonhosa; que a primeira vez que fora feita rainha se devera a uma única semente francesa desvairada e que a segunda vez fora graças a um prato de lampreias inglesas causadoras de convulsões; que qualquer pessoa se metia na cama com ela pelo preço de uma canção; aliás, bastava cantar-lhe algo romântico para de imediato ela levantar as saias; que por alguma razão os filhos dela não eram parecidos uns com os outros; que o diabo metia ideias maliciosas nessa cabeça real; oh, Cecily ouvira histórias deveras sinistras.

Até que, por fim, Marie despertou do seu estado de choque e mandou calar a criada, pois o perfume da rainha ainda se fazia sentir, qual fantasma vigilante, no quarto.

Então Cecily começou a limpar-lhe o rosto jovem e feio, cheio de ranho e manchas, e desferiu o segundo golpe: informou Marie de que não a acompanharia ao convento. Que embora amasse a sua senhora, era demasiado jovem e ainda lhe restavam demasiados anos para ser sepultada viva com um grupo de monjas de olhar mortiço. Cecily era do tipo casadouro, vê-me só estas ancas, capazes de darem à luz dez bebés robustos, além de que os seus joelhos eram fracos e ela não fora feita para passar o dia inteiro

ajoelhada a rezar. Para cima e para baixo, o dia inteiro para cima e para baixo, como marmotas. Sim, na manhã do dia seguinte, Cecily e Marie iriam separar-se.

E Marie — amiga de infância de Cecily, filha da cozinheira na sua propriedade de família em Le Maine, esta pessoa grosseira que, até este instante, fora tudo para Marie, amante, irmã, criada, prazer e a única alma carinhosa em toda a *Angleterre* — por fim compreendeu que seria enviada para a sua morte eterna sozinha.

A criada chorou, repetindo, oh, querida Marie, oh, como o seu coração estava destruído.

Ao que Marie, afastando-se, respondeu que decerto se tratava do destruir mais desleal do mundo.

Então pôs-se de pé e olhou pela janela aberta, para o jardim en-volto no habitual manto de nevoeiro, sentindo o Sol pôr-se dentro de si. Enfiou na boca os caroços dos damascos que no verão rou-bara das árvores pessoais da rainha, pois no outono e no inverno gostava de sugar a acidez deles. Na paisagem dentro dela soprou o vento frio do lusco-fusco e tudo o que estava na sombra assu-miu uma estranheza grotesca.

E ela sentiu-se esvaziada do amor resplandecente que preen-cherá esses anos na corte de Leonor em *Angleterre*, que inclusi-vamente aligeirara as dificuldades e a solidão de Marie com uma luz esplêndida e cintilante. O seu primeiro dia na corte em West-minster, ainda sentindo o sal da travessia nos lábios quando se sentou para jantar, avassalada; e por fim o som dos alaúdes e dos oboés, e Leonor parada na entrada, revelando o inchaço do final da gravidez, barriga e seios, a face direita inflamada, pois nesse dia arrancara um dente, e deslocando-se com passos tão minúsculos que mais parecia deslizar qual cisne, exibindo o mesmo rosto que Marie, desde pequena, vira e amara nos seus sonhos. Toda a luz na divisão convergiu sobre Leonor. Foi nesse instante que Marie se perdeu. Nessa noite, regressou para junto de Cecily, já a ressonar na cama, e acordou a rapariga esfregando-se com urgência na mão dela. Marie teria ido à caça de um graal, teria escondido o seu sexo, partido para a guerra e matado sem remorso, teria suportado

toda a crueldade de cabeça baixa, teria vivido pacientemente entre os leprosos, teria feito todas essas coisas se Leonor lhas tivesse perdido. Pois era de Leonor que fluíam todas as coisas boas: música, riso e amor cortês; a beleza dela emanava mais beleza, pois toda a gente sabia que a beleza era um sinal externo da bênção de Deus.

Mesmo agora, após ter sido descartada como lixo, Marie constata, com embaraço, a caminho da abadia sombria e húmida, que ainda as faria.

Pois está pasmada com a pobreza deste lugar à chuva e ao frio, os edifícios pálidos aninhados no cimo da colina. É verdade que toda a Inglaterra é mais pobre do que a França, as cidades mais pequenas e escuras, e mais cheias de imundice, as gentes escanzeladas e cobertas de frieiras, mas mesmo para a Inglaterra isto é patético, os telheiros degradados, as vedações tombadas, o jardim fumegando com pilhas incandescentes das ervas daninhas do ano passado. O cavalo avança devagar. O esmerilhão chilreia, infeliz, ao mesmo tempo que arranca penas debaixo das asas. Marie aproxima-se lentamente do cemitério. Tudo o que sabia sobre esse lugar era que fora fundado por uma irmã da realeza, santificada vários séculos antes, cujo osso do dedo, agora na morte, tem o poder de curar um furúnculo; e que, no tempo das invasões dinamarquesas, o lugar fora saqueado e pilhado, as monjas violadas, que nos pântanos circundantes às vezes ainda se encontravam esqueletos com runas que tinham sido tatuadas tão fundo que os seus traços eram visíveis nos crânios. E quando, na estalagem onde pernoitara, Marie mencionara, a medo, o nome da abadia à rapariga que lhe levava a refeição ao quarto, esta empalidecera e respondera algo num inglês rápido e incompreensível, mas o tom da voz dela deixara perceber que as gentes do campo viam a abadia como um lugar estranho, sombrio e lastimoso, um lugar que inspirava medo. Por isso Marie dispensara a sua escolta na cidade, para chegar sozinha a esse lugar da sua morte em vida.

Agora, abrigada debaixo do teixo, conta catorze sepulturas negras recentes, reluzindo sob a chuva miúda. Mais tarde ficará a saber que se encontram aí enterrados os corpos de uma dúzia de